

---

## DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E REGIONAL

### Felicidade, casamento e choques positivos de renda: um estudo para o Distrito Federal (Parte 2<sup>†</sup>)

Alexandre Damasceno\*

Adolfo Sachsida\*\*

**RESUMO** - Por representar o próprio objetivo da vida para a maioria das pessoas, a felicidade representa um dos objetos de maior interesse para a humanidade. Nos últimos anos, muitas ciências têm se dedicado a seu estudo, procurando identificar os elementos subjetivos determinantes do menor ou maior grau de felicidade das pessoas, medir sua real influência sobre a felicidade humana, conhecer a forma como os mesmos se correlacionam e os impactos que podem causar sobre a vida de cada um. No caso da economia, o grande número de pesquisas associadas à felicidade, desenvolvidas na última década, gerou o crescimento da literatura e dos bancos de dados disponíveis associados à satisfação e felicidade dos indivíduos, ampliando as fronteiras do conhecimento na área. Este trabalho aplicou questionários junto a 1.521 pessoas, entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, gerando uma base de dados atual, ampla e consistente, capaz de viabilizar diversos estudos científicos sobre a felicidade no âmbito do Distrito Federal.

Palavras-chave: Felicidade. Casamento. Choques positivos de renda.

#### 4 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

A Tabela 1 mostra as estatísticas descritivas de parte das variáveis utilizadas nesse estudo. Na média, as pessoas presentes em nossa amostra trabalham 37 horas por semana, sendo que 77,6% delas estão no setor formal, 18,5% são funcionários públicos e 42,8% são sindicalizadas. Na média, os indivíduos entrevistados começaram a trabalhar com 17 anos de idade. Ainda de acordo com a Tabela 1, nossa amostra é composta por 46,6% de homens, 40,6% de brancos, e 40% de casados. Além disso, temos que 47,1% têm filhos e na média estão com 30 anos e meio.

Alguns dados presentes na Tabela 1 merecem atenção especial. O principal deles refere-se a uma pergunta simples: quem você considera mais feliz, sua mãe ou sua avó? Uma parte expressiva dos entrevistados (27,7%) considerou sua avó mais feliz do que sua mãe. Isso quer dizer que mais de 1 em cada quatro avós foi mais feliz do que sua filha. Dado os grandes avan-

---

<sup>†</sup>A primeira parte deste artigo, com as seções “O Estudo da Felicidade” e “O Estudo da Felicidade no Distrito Federal”, foi publicada no volume 21 deste Boletim.

\*Senado Federal.

\*\*Doutor em economia pela Universidade de Brasília. É pesquisador do IPEA (DIMAC/CFP). Endereço eletrônico: [sachsida@hotmail.com](mailto:sachsida@hotmail.com).

ços nos direitos das mulheres obtidos ao longo do últimos 30 anos – adicionados ao progresso tecnológico e ao aumento expressivo no padrão de vida –, seria de se esperar que praticamente todas as mães tivessem sido consideradas mais felizes do que as avós. Contudo, os dados parecem revelar uma grande insatisfação de parcela expressiva das mulheres, indicando que muitas delas preferiam viver na época de suas avós, com menos direitos, mas com uma regra bem definida para a função da mulher, do que na época de suas mães (com mais direitos, mas com uma regra ainda não definida da função da mulher).

TABELA 1 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS\*

Variável	Média
Jornada média de trabalho	37,16 (13,29)
Formal	77,62%
Público	18,53%
Sindicalizado	42,89%
Idade de quando começou a trabalhar	16,96 (3,23)
Homem	46,66%
Branco	40,68%
Casado	40,03%
Tem filhos	47,14%
Idade atual	30,57 (10,43)
Mora no Plano Piloto	26,28%
Anos de estudo	13,74 (4,61)
Religião	65,32%
Fuma	11,04%
Bebe	32,99%
A mãe foi mais feliz do que a avó	72,32%
É mais feliz hoje do que há 5 anos atrás	73,80%
Aceitaria Suborno	13,64%
Aceitaria Favores Ilegais	27,17%
Continuaria com o parceiro atual se ganhasse na mega sena	81,42%

\* Os valores entre parênteses representam os desvios-padrão.

De maneira interessante, 73,8% dos entrevistados se dizem mais felizes hoje do que há cinco anos. Isso implica que 26,2% dos indivíduos preferiam sua vida e rotina de 5 anos atrás à sua vida de hoje. Sobre o grau de permissividade das pessoas entrevistadas, temos que apenas 13,6% delas aceitariam 100 mil reais de suborno. Contudo, esse número salta para incríveis 27,1% no que tange às pessoas que aceitariam favores ilegais (tipo nomeação de parentes quando tal prática é proibida). Também podemos notar que 81,4% dos entrevistados permaneceriam com seus parceiros atuais caso ganhassem 10 milhões de reais na mega-sena. Isto é, 18,6% dos entrevistados trocariam de parceiros em decorrência de um choque positivo e inesperado de renda.

A Tabela 2 revela o nível de felicidade dos entrevistados. De acordo com os dados temos que 3,8% dos entrevistados se consideram muito infelizes. Além disso, outros 2% se consideram infelizes. No outro extremo, temos que 27,1% dos indivíduos da amostra se consi-

deram muito felizes.

TABELA 2 - NÍVEL DE FELICIDADE DOS ENTREVISTADOS

Nível de Felicidade	Frequência relativa (%)
Muito infeliz	3,86%
Infeliz	2,06%
Pouco feliz	8,40%
Feliz	58,53%
Muito feliz	27,16%

Mas o que é felicidade? A Tabela 2A traz a opinião do que as pessoas consideram como sendo felicidade. Para a grande maioria, felicidade está associada a realização pessoal (38,4%) e a realização familiar (33,5%). Interessante notar que apenas 9% dos entrevistados associam felicidade a se acabar com dois dos mais graves problemas sociais que assolam a sociedade brasileira: a fome e a violência. Ainda para 2% dos entrevistados, estes ficariam mais felizes caso seu time fosse campeão do que se os problemas da fome e violência fossem resolvidos no Brasil.

TABELA 2A - O QUE É FELICIDADE?

Para você, felicidade está associada a:	Frequência (%)
Realização profissional	17%
Realização pessoal	38,45%
Realização familiar	33,48%
Ver seu time ser campeão	2,06%
Acabar com a fome e a violência no Brasil	9,01%

A Tabela 2B mostra que para boa parte dos entrevistados o fracasso dos outros é “colírio para os olhos”. Fizemos a seguinte pergunta: “Quando uma pessoa famosa, que você não conhece e que não pode lhe fazer mal, como Romário ou Vera Fisher, tem um prejuízo financeiro, seu nível de felicidade aumenta?”. As respostas indicam que 3,8% dos entrevistados sempre experimentam um aumento em seu bem estar em decorrência do fracasso de outros. Além disso, outros 6,9% responderam que às vezes ficam felizes com a desgraça alheia. Resumindo: quase 11% dos entrevistados sentem algum prazer com o fracasso de pessoas famosas.

TABELA 2B - O FRACASSO DOS OUTROS LHE DÁ PRAZER?

Quando uma pessoa famosa, que você não conhece e que não pode lhe fazer mal, como Romário ou Vera Fisher, tem um prejuízo financeiro, seu nível de felicidade aumenta?	Frequência (%)
Sim, sempre	3,79%
Às vezes sim	6,88%
Nunca	89,33%

Será que dinheiro traz felicidade? A Tabela 3 relaciona o nível de renda com o nível de felicidade dos entrevistados. Temos que os mais pobres de nossa amostra, também apresentam o menor nível de felicidade. Por exemplo, entre os indivíduos que recebem menos de 500 reais por mês 5,4% deles se declararam muito infelizes. Este número cai para 4% entre os que

ganham mais de 5.000 reais por mês. Entre os indivíduos que ganham menos de 500 reais/mês 7,4% deles se declararam infelizes ou muito infelizes, este número se reduz para 5,3% quando analisamos os indivíduos da classe de renda mais alta. Olhando o extremo oposto, isto é, os indivíduos que se declararam felizes ou muito felizes, temos que nessa classe de felicidade estão 84,2% das pessoas que recebem menos de 500 reais/mês. Contudo, este número sobe para 88,5% quando fazemos a mesma análise para indivíduos que recebem mais de 5.000 reais/mês. Dessa maneira, temos alguns indícios de que rendas mais elevadas podem estar associadas a níveis mais altos de felicidade.

TABELA 3 - RENDA E FELICIDADE

<b>Renda Mensal</b>	<b>Muito infeliz</b>	<b>Infeliz</b>	<b>Pouco Feliz</b>	<b>Feliz</b>	<b>Muito Feliz</b>
Inferior a 500 reais	5,4%	2%	8,3%	56%	28,2%
Entre 501 e 1.000 reais	2,8%	2,8%	9,5%	59,7%	25,1%
Entre 1.001 e 2.000 reais	3,6%	1%	10,8%	60,6%	23,8%
Entre 2.001 e 3.000 reais	4,6%	2,3%	10,3%	49,4%	33,3%
Entre 3.001 e 5.000 reais	3,6%	2,1%	3,6%	62,8%	27,8%
Superior a 5.000 reais	4%	1,3%	6,1%	58,1%	30,4%

Existe um antigo ditado popular que diz que mentes desocupadas se preocupam com besteiras. A Tabela 4 verifica se o nível de felicidade das pessoas está associada a uma jornada de trabalho mais ou menos extensa. De acordo com a Tabela 4, a maior concentração de indivíduos muito infelizes se dá justamente entre as pessoas com as menores jornadas de trabalho. Isto é, 7,1% dos indivíduos com jornada semanal de trabalho inferior a 10 horas/semana se declararam muito infelizes. Somando este número ao dos indivíduos que se declararam infelizes, temos que 8,3% das pessoas com uma jornada de trabalho inferior a 10 horas/semana se declararam muito infelizes ou infelizes. Este mesmo número atinge 9,5% para trabalhadores com uma carga semanal de trabalho entre 10 e 20 horas. No extremo oposto temos que apenas 4,4% dos indivíduos com uma carga semanal de trabalho superior a 50 horas se declararam muito infelizes ou infelizes. De maneira interessante, o nível de felicidade parece aumentar com a quantidade de horas trabalhadas, a única exceção ocorre para indivíduos com uma jornada de trabalho entre 40 e 50 horas semanais (o que pode indicar um descontentamento com a jornada semanal de 44 horas).

TABELA 4 - FELICIDADE E DURAÇÃO DA JORNADA SEMANAL DE TRABALHO

<b>Jornada Semanal</b>	<b>Muito infeliz</b>	<b>Infeliz</b>	<b>Pouco Feliz</b>	<b>Feliz</b>	<b>Muito Feliz</b>
Jornada <= 10 horas	7,1%	1,2%	9,5%	57,1%	25%
10 < jornada <= 20 horas	6,3%	3,2%	9,5%	33,3%	47,6%
20 < jornada <= 30 horas	4%	1,1%	8,5%	62,5%	23,9%
30 < jornada <= 40 horas	2,5%	1,9%	7,3%	59,4%	28,7%
40 < jornada <= 50 horas	5,4%	2,7%	10%	60,1%	21,8%
jornada > 50 horas	1,5%	2,9%	7,3%	60,3%	27,9%

Ainda de acordo com os dados presentes na Tabela 4, 88,2% dos indivíduos que trabalham mais de 50 horas por semana se declararam felizes ou muito felizes. Esse número se reduz para 80,9% para trabalhadores com uma jornada semanal entre 10 e 20 horas. De maneira curiosa, 82,1% dos indivíduos que têm jornada semanal inferior a 10 horas se disseram felizes ou muito felizes. Dessa maneira, esse grupo parece ter um nível de satisfação pela sua vida superior ao dos indivíduos que trabalham entre 40 e 50 horas por semana. Em termos técnicos, isso pode indicar algum grau de não-linearidade entre felicidade e duração da jornada de trabalho.

Qual é o efeito da garantia das leis trabalhistas sobre o nível de felicidade de uma pessoa? Será que estar amparado pela Convenção das Leis Trabalhistas (CLT) propicia um grau mais elevado de felicidade? A Tabela 5 mostra a relação entre felicidade e relações de trabalho formais. Isto é, será que indivíduos que tenham a carteira de trabalho assinada são mais felizes? De acordo com as informações presentes na Tabela 5, temos que 6,9% dos trabalhadores do setor informal se disseram infelizes ou muito infelizes contra 5,6% dos trabalhadores do setor formal. Na outra ponta da Tabela 5 temos que 81,9% dos trabalhadores do setor informal responderam que são felizes ou muito felizes, mas esse número sobe para 86,7% quando nos referimos aos trabalhadores do setor formal. Dessa maneira, parece que a garantia de estar amparado pelas leis trabalhistas fornece uma melhor qualidade de vida, aumentando o nível de felicidade do trabalhador. Mas é importante ressaltar que a diferença nas respostas é pequena, ou seja, a magnitude do efeito da carteira assinada sobre a felicidade do trabalhador não é tão alta quanto seria de se esperar.

TABELA 5 - FELICIDADE E PROTEÇÃO PELAS LEIS TRABALHISTAS

<b>Carteira de Trabalho Assinada</b>	<b>Muito infeliz</b>	<b>Infeliz</b>	<b>Pouco Feliz</b>	<b>Feliz</b>	<b>Muito Feliz</b>
Não (setor informal)	5,8%	1,1%	11,1%	56,5%	25,4%
Sim (setor formal)	3,3%	2,3	7,5%	58,9%	27,8%

Devido as características do Distrito Federal, onde o setor público tem um peso grande, é interessante tentarmos associar o grau de felicidade de uma pessoa a esta desfrutar da estabilidade do funcionalismo público. Isto é, será que funcionários públicos têm um nível de felicidade superior aos trabalhadores do setor privado? A Tabela 6 tenta responder essa questão. De maneira surpreendente 9% dos funcionários públicos se dizem muito infelizes e infelizes, contra apenas 3,6% dos trabalhadores do setor privado. Talvez a rotina, falta de dinamismo e escassez de oportunidades para inovar imponha um alto grau de insatisfação a determinada parte dos funcionários públicos. Contudo, na parte oposta da Tabela 6 os números são parecidos: 87% dos trabalhadores do setor privado se dizem felizes ou muito felizes, para os funcionários públicos esse número é de 86%. Interessante notar os extremos do setor público: enquanto 32%

dos funcionários públicos se consideram muito felizes, 7% se consideram muito infelizes.

TABELA 6 - NÍVEL DE FELICIDADE E CARACTERÍSTICAS DO EMPREGADOR

Funcionário público	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não	1,6%	2%	10,4%	63,5%	22,5%
Sim	7%	2%	5%	54%	32%

Será que a idade em que o trabalhador começou a trabalhar afeta seu nível de felicidade? A Tabela 7 relaciona o nível de felicidade com a idade em que o trabalhador começou a trabalhar. Temos que 9,2% dos trabalhadores que começaram a trabalhar antes dos 12 anos de idade se declararam infelizes ou muito infelizes. Contudo, esse número sobe para 11,1% no caso dos trabalhadores que começaram a trabalhar após os 25 anos de idade. Os trabalhadores que apresentam os níveis de felicidade mais alta são aqueles que começaram a trabalhar entre os 17 e 25 anos de idade, deles 87,8% se declararam felizes ou muito felizes. Tal número se reduz para 84,9% para os trabalhadores que começaram com idade entre 12 e 17 anos, e se torna menor ainda para indivíduos que começaram a trabalhar antes dos 12 anos (79%). Contudo, o pior desempenho se dá novamente para pessoas que começaram a trabalhar após os 25 anos de idade. Dessas, apenas 77,7% se dizem felizes ou muito felizes. Ou seja, ao contrário do senso comum, parece que começar a trabalhar mais tarde é pior para a felicidade do indivíduo do que começar a trabalhar mais cedo.

TABELA 7 - NÍVEL DE FELICIDADE E IDADE EM QUE O TRABALHADOR COMEÇOU A TRABALHAR

Trabalhador começou a trabalhar com	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Idade <= 12 anos	5,3%	3,9%	11,8%	65,8%	13,2%
12 < Idade <= 17 anos	3,9%	1,9%	9,3%	59,9%	25,0%
17 < Idade <= 25 anos	3,6%	1,8%	6,8%	56,3%	31,5%
Idade > 25 anos	0,0%	11,1%	11,1%	33,3%	44,4%

Outra questão interessante refere-se ao gênero, será que homens e mulheres diferem em seu nível de felicidade? A Tabela 8 explora essa relação. De maneira surpreendente os homens parecem estar mais infelizes que as mulheres. Enquanto 2,6% das mulheres se dizem muito infelizes, esse número sobe para 5,3% dos homens. Em relação ao sexo feminino, 4,4% se diz infeliz ou muito infeliz. Mas para os homens esse número chega a 7,7%, mostrando que os homens encontram-se mais deprimidos do que as mulheres em nossa sociedade. Além disso, enquanto 28,2% das mulheres se consideram muito feliz, esse número se reduz para 25,9% no caso dos homens.

A Tabela 9 expõe a relação entre felicidade e raça. De maneira geral os resultados são extremamente similares. A única diferença digna de nota encontra-se no extremo da Tabela 9:

29,4% das pessoas brancas se declararam muito felizes, contra 25,7% dos não-brancos.

TABELA 8 - FELICIDADE E GÊNERO

Gênero	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Feminino	2,6%	1,8%	9,3%	58,1%	28,2%
Masculino	5,3%	2,4%	7,3%	59%	25,9%

TABELA 9 - FELICIDADE E RAÇA

Raça	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Não-Branca	3,9%	1,9%	8,6%	59,8%	25,7%
Branca	3,6%	2,3%	8%	56,6%	29,4%

E o que podemos dizer do estado civil? Será que os casados vivem melhor do que os solteiros? A Tabela 10 tenta responder essa pergunta. Entre os solteiros 5,6% se declararam muito infelizes ou infelizes, número esse que sobe para 6,5% no caso dos casados. Na outra ponta da Tabela 10, 85,9% dos solteiros se declararam muito felizes ou felizes, contra 84,5% dos casados. Os resultados estão muito próximos, mas mostram que os solteiros não estão em pior situação de felicidade do que os casados. Contudo, deve-se ressaltar que os casados dominam as pontas da Tabela 10, ou seja, estão entre a maioria dos muito infelizes e também entre os muito felizes. Parece que quando o casamento é com a pessoa certa o nível de felicidade dos casados sobe muito, o inverso ocorrendo quando o casamento não passa por uma boa fase.

TABELA 10 - FELICIDADE E ESTADO CIVIL

Estado Civil	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Solteiro	3,7%	1,9%	8%	60,4%	25,9%
Casado (ou como se fosse)	4,1%	2,4%	9%	55,5%	29%

Filhos trazem felicidade? A Tabela 11 explora a relação entre pessoas que têm filhos e seu respectivo nível de felicidade. De maneira geral os resultados são muito próximos, mas devemos ressaltar que enquanto 5,4% das pessoas que não têm filhos se declararam muito infelizes ou infelizes, esse número sobe para 6,4% no caso das pessoas com filhos.

TABELA 11 - FELICIDADE E FILHOS

Tem filhos	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Não	3,6%	1,8%	8%	59,5%	27%
Sim	4,2%	2,2%	9%	57,4%	27%

Educação traz felicidade? A Tabela 12 busca essa correlação. Os dados mostram a existência de uma relação não-linear entre educação e felicidade. Temos que tanto níveis muito baixos como muito altos de educação estão associados a taxas altas de infelicidade. Por exemplo, das pessoas com o ensino fundamental incompleto 14,3% se disseram muito infelizes ou infelizes. Número esse que alcança incríveis 15,1% para indivíduos com apenas o nível fundamental. Mas, mais espantoso ainda é o fato de que 15,4% dos doutores se declararam muito



infelizes. Esse mesmo número é de apenas 5,4% (4,4%) para mestres (especialistas). Dos indivíduos com curso superior completo 5,8% se declararam muito infelizes ou infelizes. Dessa maneira, podemos notar que níveis muito altos ou muito baixos de educação estão associados a baixo nível de felicidade.

A Tabela 13 mostra a relação entre religiosidade e felicidade. Parece que pessoas que frequentam igrejas ou cultos religiosos são mais felizes que ateus. Enquanto 6,6% dos ateus se disseram muito infelizes ou infelizes, esse número se reduz para 5,5% entre os que frequentam igrejas ou cultos religiosos. Além disso, dos que frequentam igrejas ou cultos 29,2% se disseram muito felizes contra 23,3% dos que não frequentam.

TABELA 12 - FELICIDADE E NÍVEL EDUCACIONAL

Nível Educacional	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Fundamental incompleto	11,1%	3,2%	15,9%	52,4%	17,5%
Fundamental completo	12,1%	3%	3%	51,5%	30,3%
Médio incompleto	2,1%	2,1%	6,3%	63,1%	26,3%
Médio completo	2,1%	0,05%	8,9%	57,9%	30,5%
Superior incompleto	3%	2,8%	8,2%	60,6%	25,3%
Superior completo	3,4%	2%	6,8%	53,4%	34,2%
Especialista	4,3%	0,1%	8,7%	58,7%	27,1%
Mestre	5,4%	0%	8,1%	56,7%	29,7%
Doutor	15,4%	0%	7,7%	69,2%	7,7%

TABELA 13 - FELICIDADE E RELIGIOSIDADE

Frequenta igrejas ou cultos religiosos	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Não	4,4%	2,2%	9,9%	60,1%	23,3%
Sim	3,5%	2%	7,6%	57,7%	29,2%

Será que a frequência sexual aumenta a felicidade? A Tabela 14 mostra a relação entre frequência sexual e felicidade. Das pessoas que responderam ter menos de 1 relação sexual por semana 8,9% se disseram muito infelizes ou infelizes, esse número se reduz para 4,3% para pessoas com uma frequência sexual semanal entre 1 e 2 vezes. Além disso, dos que disseram ter menos de uma relação sexual por semana apenas 79,9% se disseram muito felizes ou felizes contra 88% dos que têm entre 1 e 2 relações semanais.

TABELA 14 - FELICIDADE E FREQUÊNCIA SEXUAL

Frequência Sexual Semanal	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Não tenho relações	4%	2,4%	12%	50,4%	31,2%
Menos de 1 vez	5,5%	3,4%	11%	57,9%	22%
Entre 1 e 2 vezes	2,3%	2%	7,6%	64,1%	23,9%
Três vezes	5%	2,3%	7,8%	53,9%	30,8%
4 ou mais vezes	4,3%	0,7%	7,9%	58,2%	28,7%
Não responderam essa questão	3,4%	1,7%	6,8%	59,7%	28,4%

A Tabela 15 mostra a relação entre felicidade e o número de parceiros sexuais nos últi-



mos 12 meses. Fica claro que a estabilidade sexual, isto é, a manutenção de um pequeno número de parceiros sexuais afeta positivamente a felicidade. Entre as pessoas que tiveram 6 ou mais parceiros nos últimos 12 meses 11,2% se declararam muito infelizes ou infelizes, número esse que é de apenas 5,1% para indivíduos que tiveram 1 único parceiro nos últimos 12 meses.

Será que com o envelhecimento a pessoa se torna mais depressiva, e conseqüentemente menos feliz? A Tabela 16 verifica o impacto da idade sobre o nível de felicidade. De maneira curiosa, o problema da idade parece justamente o inverso. Isto é, são os jovens (e não os adultos ou idosos) os mais infelizes da nossa amostra. Entre os indivíduos com menos de 21 anos de idade 6,4% se declararam muito infelizes ou infelizes. Tal número é de 4,5% para pessoas com mais de 45 anos de idade.

TABELA 15 - FELICIDADE E NÚMERO DE PARCEIROS SEXUAIS NOS ÚLTIMOS 12 MESES

Número de parceiros nos últimos 12 meses	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Nenhum	5,3%	2,3%	9%	52,2%	31,1%
Apenas 1	3,2%	1,9%	8,4%	58,5%	27,9%
Apenas 2	0,7%	3,1%	8,6%	63%	24,4%
Apenas 3	5,2%	0%	3,9%	65,8%	25%
Entre 4 e 5	5,9%	2,9%	13,2%	55,9%	22%
6 ou mais	9,8%	1,4%	7%	56,3%	25,3%

TABELA 16 - FELICIDADE E IDADE

Idade da pessoa	Muito infeliz	Infeliz	Pouco Feliz	Feliz	Muito Feliz
Idade <= 21 anos	4,6%	1,8%	6,4%	49,8%	37,3%
21 < idade <= 28 anos	5%	2,4%	7,7%	61,8%	23%
28 < idade <= 35 anos	2,6%	1,9%	12,8%	58,6%	24,1%
35 < idade <= 45 anos	2,8%	2,2%	7,3%	58,7%	28,8%
Idade > 45 anos	3%	1,5%	6,1%	63%	26,1%

## 5 CONCLUSÕES

A felicidade vem sendo, ao longo do tempo, um dos objetos de maior interesse para a humanidade, representando, para a maioria das pessoas, o próprio objetivo da vida. O estudo desse tema, apesar de ter a maior parte de suas iniciativas apoiadas nas investigações feitas no âmbito da psicologia, vem se tornando um importante campo de discussão dentro da economia.

Tendo voltado os olhos para o estudo de fatores subjetivos da vida dos indivíduos durante seus primeiros passos, a economia abandonou esse viés nos anos 1930, quando passou a estudar essencialmente os fatores mais objetivos – como a preferência dos indivíduos e seus mecanismos de escolha. Essa visão somente foi retomada algumas décadas depois, por força da constatação da forte influência dos fatores subjetivos sobre a vida das pessoas.

A realização de trabalhos científicos empíricos, como os associados ao estudo da felici-

dade, até recentemente enfrentavam dificuldades por força dos questionamentos acerca do fato de dados de natureza tão subjetiva estarem sendo coletados diretamente junto a respondentes, entretanto, as discussões metodológicas acerca do emprego e validade desse tipo de mecanismo de coleta já estão superadas – havendo atualmente aceitação generalizada dos procedimentos adotados na área.

A despeito das dificuldades enfrentadas, o grande número de pesquisas desenvolvidas nessa área, notadamente na última década, trouxe consigo o aumento da literatura e dos bancos de dados disponíveis associados à satisfação e felicidade dos indivíduos, viabilizando significativa ampliação das fronteiras do conhecimento na área.

Importantes avanços já ocorreram e muitos resultados valiosos foram obtidos, entretanto, muito ainda precisa ser feito. No caso específico do Brasil, poucas iniciativas na direção desses estudos foram tomadas, devendo-se observar que, até muito recentemente, nenhum trabalho científico voltado para a coleta e análise de dados associada à felicidade foi identificado no país.

Tendo sido elaborado com fim específico de apresentar alguns aspectos importantes associados ao estudo da felicidade, este trabalho teve como objeto central trazer à luz esclarecimentos gerais acerca do estudo da felicidade, abordando as particularidades associadas à forma como a felicidade é percebida e os ângulos sob os quais deve ser observada, tratando, também, dos mecanismos através dos quais são desenvolvidas pesquisas nessa área – apresentando resumidamente a evolução dos estudos econômicos associados ao tema, levando os pesquisadores interessados nesta área a refletir sobre o grau de dificuldade que enfrentarão ao longo do desenvolvimento desse tipo de pesquisa – que não pode ser abandonado nem mesmo por força dos problemas a serem vencidos dada sua grande importância para todos os indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- BALLAS, D.; DORLING, D. Measuring the impact of major life events upon happiness. **International Journal of Epidemiology**, Oxford University Press, September 2007.
- BECCHETTI, L.; BEDOYA, D. A. L.; TROVATO, G. Income, Relational Goods and Happiness. Tor Vergata University, CEIS, **Departmental Working Papers**, 2006.
- BLANCHFLOWER, D. G. International Evidence on Well-being, Discussion Paper No. 3354. **The Institute for the Study of Labor (IZA)**, February 2008.
- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Hypertension and Happiness across Nations, **Journal of Health Economics**, February 2007.
- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Is Well-Being U-Shaped over the Life Cycle? Discussion Paper No. 3075. **The Institute for the Study of Labor (IZA)**, September 2007.

- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Money, sex and happiness: An empirical Study. **Scandinavian Journal of Economics**, 2004.
- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. The Rising Well-Being of the Young. **Conference on Disadvantaged Youth**, December 1999.
- BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Well-Being Over Time in Britain and the USA. **Journal of Public Economics**, June 2002.
- CLARK, A. E.; FRIJTERS, P.; SHIELDS M. A. Relative Income, Happiness, and Utility: An Explanation for the Easterlin Paradox and Other Puzzles. **Journal of Economic Literature**, 2008.
- CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 4. out./dez. 2006.
- DIAS, J.; SCHUMACHER, F. I. e ALMEIDA, D.S. Determinantes da felicidade: dados individuais de Maringá-PR, 2007-2009. **Boletim de Economia e Tecnologia da UFPR**, v. 20, p. 89-105, jan./mar. 2010.
- DI TELLA, R.; MACCULLOCH R. J. Gross National Happiness as an Answer to the Easterlin Paradox? **Journal of Development Economics**, April 2005.
- DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. The Macroeconomics of Happiness. **The Review Of Economics and Statistics**, November 2003.
- DRAKOPOULOS, S. A. The paradox of Happiness: towards an alternative explanation. **University of Athens**, November 2008. Disponível em: <<http://mpra.ub.uni-muenchen.de/6870/>>. Acesso em: 19/10/2009.
- FREY, S. B. **Happiness: A Revolution in Economics**. MIT Press Books, 2008.
- FREY, S. B.; STUTZER, A. Happiness, Economy and Institutions. **The Economic Journal**, October 2000.
- FREY, S. B.; STUTZER, A. What can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, June 2002.
- GRAHAM, C. Some Insights on Development from the Economics of Happiness. **World Bank Research Observer**, April 2005.
- GUL, F.; PESENDORFER, W. Welfare without Happiness. **AEA Papers and Proceedings**, May 2007.
- HAYBRON, D. Life Satisfaction, Ethical Reflection, and the Science of Happiness. **Journal of Happiness Studies**, 2007.
- HUDSON, J.. Institutional Trust and Subjective Wellbeing across the EU. **KYKLOS - International Review for Social Sciences**, v. 59, 2006.
- KŐSZEGI, B.; RABIN, M. Choices, situations and happiness. **Journal of Public Economics**, April 2008.
- MCBRIDE, M. Money, Happiness, and Aspirations: an Experimental Study. Draft. University Of California-Irvine - **Working Paper**, March 2007.
- MICHALOS, A. C. Education, Happiness and Wellbeing. **International Conference on 'Is happiness measurable and what do those measures mean for public policy?'** April 2007.
- NORRISH, J. M.; VELLA-BRODRICK, D. A. Is the study of happiness a Worthy Scientific Pursuit? **Social Indicators Research**, June 2007.

POWDTHAVEE, N. Economics of happiness: a review of Literature and Applications. **Journal Of Economics**, March 2007.

PRAAG, B. M. S. Perspectives from the Happiness Literature and the Role of New Instruments for Policy Analysis. **CESifo Economic Studies**, v. 53, February 2007.

RAYO, L.; BECKER, G. S. Habits, Peers, and Happiness: Na Evolutionary Perspective. **AEA Papers and Proceedings**, May 2007.

SHIKIDA, P. F. A.; RODRIGUES, O. A. R. Economia e felicidade: uma análise regional sob a perspectiva rural e urbana. **Diálogo Econômico**, n. 2, Outubro 2004.

STEVENSON, B.; WOLFERS, J. The Paradox of Declining Female Happiness. **The Economic Journal: Economic Policy**, September 2007.

WAIT, L. J.; LUO, Y; LEWIN, C. Marital happiness and marital stability: Consequences for psychological well-being. **Social Science Research**, August 2008.

## ANEXO1: PESQUISA DE AVALIAÇÃO DE FELICIDADE - QUESTIONÁRIO

<b>Dados profissionais</b>	Quantas horas você trabalha por semana? _____		
	Qual sua faixa salarial? ( )	1 - Menos de 500 reais	4 - Entre 2001 – 3000 reais
		2 - Entre 501 – 1000 reais	5 - Entre 3001 – 5000 reais
		3 - Entre 1001 – 2000 reais	6 - Acima de 5000 reais
	Trabalha no setor formal?: ( )	1 - Sim	2 - Não
É sindicalizado?: ( )	1 - Sim	2 - Não	
	Começou a trabalhar com que idade? _____		

<b>Dados pessoais</b>	Sexo : ( )	1 – Masculino	2 – Feminino			
	Raça : ( )	1 – Branco	2 – Negro	3 – Pardo	4 – Índio	5 – Amarelo
	Estado Civil : ( )	1 – Solteiro	2 – Casado (ou como se fosse)	3 – Separado/divorciado	4 - Viúvo	
	Número de filhos: _____					
	Idade: _____					
	Mora no Plano Piloto? ( )	1 - Sim	2 - Não	(Incluindo Lago Norte, Lago Sul e Sudoeste)		
	Escolaridade? ( )	1 – Fundamental Incompleto	4 – Médio Completo	7 – Especialista		
		2 – Fundamental Completo	5 – Superior Incompleto	8 – Mestre		
		3 – Médio Incompleto	6 – Superior Completo	9 – Doutor		
	Quantos anos de estudo formal você tem? _____					
Você visita ou frequenta igreja ou culto religioso? ( )	1 - Sim	2 - Não				
Você fuma regularmente? ( )	1 - Sim	2 - Não				
Você "bebe" bebidas alcoólicas regularmente? ( )	1 - Sim	2 - Não				
Quem você acha que foi mais feliz ao longo da vida? ( )	1 - sua Mãe	2 - sua Avó				

<b>Indicativos</b>	<b><i>DADOS A SEREM PREENCHIDOS PELO(A) ENTREVISTADO(A)</i></b>	
	Sua frequência sexual por semana é: (    )	
	1 – Menos de 1 vez 2 – Entre 1 e 2 vezes 3 – 3 vezes	4 – 4 ou mais vezes 5 – Não quero responder
	Se você ganhasse 10 milhões na Megasena, continuaría com o mesmo parceiro? (    )	
	1 - Sim    2 - Não	
	Você se considera: (    )	
	1 - muito infeliz    2 – infeliz    3 - pouco feliz    4 – feliz    5 - muito feliz	

